

PODER

Apesar do discurso de busca pela unidade em torno de um candidato ao governo, lideranças desse campo político têm feito críticas a aliados e exposto conflitos

Direita se hostiliza e se divide em MG

» ANA MENDONÇA

A tentativa de unificar a direita em Minas Gerais para as eleições de 2026 se transformou numa disputa interna que envolve algumas das principais lideranças no estado e no país. Os embates se intensificaram nas últimas semanas. Em jogo está não só a escolha do candidato ao governo e dos nomes que vão concorrer ao Senado e à Câmara dos Deputados, mas também o protagonismo dentro do PL: quem será o porta-voz do ex-presidente Jair Bolsonaro para a escolha das chapas a serem apresentadas aos mineiros.

A disputa começou em abril do ano passado, quando o senador Cleitinho Azevedo (Republicanos-MG) declarou que poderia disputar o governo de Minas. Disse que abriria mão da candidatura caso o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) despontasse como melhor nome da direita, ressaltando que não faria sentido dividir o campo conservador.

Em outubro, foi a vez de o vice-governador Mateus Simões colocar o time em campo. Filiou-se ao PSD e lançou a frente “Juntos por Minas”, reunindo PSD, PP, União Brasil, Podemos, PRD, DC e outras siglas. O movimento o fortaleceu, mas também o vinculou ao projeto presidencial do governador Romeu Zema (Novo).

Dois meses depois, a tensão ganhou dimensão nacional quando Bolsonaro anunciou o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) seu candidato à Presidência. Minas, então, tornou-se peça estratégica para o projeto presidencial bolsonarista, pois não seria politicamente viável sustentar dois presidenciaíveis, Zema e o filho 01, sob um mesmo palanque estadual. Minas é o segundo colégio eleitoral do país, com mais de 16 milhões de votantes, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Em dezembro, Simões se reuniu com Cleitinho. O encontro foi interpretado como gesto de aproximação em meio às articulações para 2026. Flávio chegou a defender convergência para evitar segundo turno em Minas, versão

Valter Campanato/Agência Brasil



Mesmo preso na Papudinha, correligionários mineiros buscam a união de Bolsonaro para a formação das chapas

negada por Cleitinho, que, àquela altura, demonstrava incômodo com movimentos que esvaziavam sua candidatura.

Em janeiro, o racha no PL mineiro tornou-se explícito também na disputa pelas duas vagas ao Senado. Pelo menos sete nomes passaram a circular internamente, acirrando a divisão entre o presidente estadual da legenda, Domingos Sávio, e o deputado estadual Cristiano Caporezzo.

Antes da prisão de Bolsonaro, Caporezzo participara de reunião com Sávio e o próprio ex-presidente, na qual teria sido sinalizado como nome para o Senado. Mas, depois, o diretório estadual passou a frear a movimentação de Caporezzo, sob o argumento de que a definição dependeria do projeto majoritário. O deputado questionou a autoridade de Nikolas para influenciar decisões sobre o Senado. Sávio, por sua vez, tentou conter a crise.

No mesmo mês, outro conflito: o ex-deputado Eduardo Bolsonaro criticou Nikolas e Michelle Bolsonaro por não darem apoio explícito à pré-candidatura de Flávio. O deputado respondeu: “Eduardo não está bem” — e

defendeu a ex-primeira-dama. Em seguida, ela publicou imagem de bananas fritas nas redes sociais, gesto interpretado por aliados de Eduardo como provocação ao apelido “bananinha”.

No início de fevereiro, mais um mal-estar na direita em Minas: o vice Mateus Simões declarou que Cleitinho não estaria “preparado” para o cargo. A resposta veio em tom elevado. O senador questionou por que deveria abrir mão da disputa se liderava o campo conservador, deixando claro o desconforto com pressões para recuar.

Aproximação

Enquanto Cleitinho esbravejava, Nikolas e Simões se aproximaram mais em quatro agendas conjuntas, em cinco dias, no interior do estado. A movimentação gerou desconforto no PL, onde parte da bancada passou a questionar se a ligação de Simões com Zema inviabilizaria um palanque exclusivo para Flávio no primeiro turno, pois o vice-governador teria obrigação de apoiar o projeto presidencial do governador.

Em 21 de fevereiro, Nikolas visitou Bolsonaro na Papudinha e declarou ter recebido aval do

ex-presidente para participar ativamente da definição do palanque mineiro. A declaração reforçou sua posição como puxador de votos e peça-chave na formação das nominatas proporcionais, ampliando seu protagonismo nas decisões estaduais. Anteriormente, o deputado já havia mostrado desconforto com a formação de chapas, pois, segundo ele, seria o puxador da maioria dos nomes da bancada.

A tensão aumentou no início da semana passada com a divulgação de anotações manuscritas atribuídas a Flávio Bolsonaro, nas quais constava que a candidatura de Mateus Simões “puxa para baixo” a direita. Já o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, disse que Zema seria o “vice ideal” para Flávio. O governador porém, respondeu que levaria a pré-candidatura “até o final”.

O filho 01 buscou reorganizar o grupo na reunião da bancada do PL, na quarta-feira passada. No dia seguinte, afirmou: “Tá todo mundo querendo vencer a discussão. Mas o que precisamos é ganhar a eleição”, numa tentativa de mostrar que as divergências não podem comprometer o objetivo maior.

Tiroteio verbal

“Cleitinho não me assusta, mas preocupa”

Mateus Simões — vice-governador, em entrevista ao Estado de Minas, sobre uma possível candidatura de Cleitinho. Segundo ele, o senador ainda está no “início da carreira” e não causa incômodo



Divulgação/Governo de MG

“Eu não estou preparado pra roubar. Eu não estou preparado pra colocar carguinho comissionado de amigo lá dentro”

Senador Cleitinho Azevedo, em resposta a Simões, afirmando, ainda, que será candidato ao governo



Julio Noronha/CB/DA Press

“Nikolas e Michelle estão jogando o mesmo jogo. Não vi nenhum apoio da Michelle, nenhum post a favor do Flávio. Ela compartilha o Nikolas a toda hora”

Eduardo Bolsonaro, filho 03 do ex-presidente, criticando a falta de apoio do deputado e da ex-primeira-dama à candidatura presidencial do irmão Flávio



Arquivo pessoal

“Eduardo não está bem”

Nikolas Ferreira ao se defender das acusações de Eduardo Bolsonaro e em defesa de Michelle



Divulgação/Governo de MG

“Bolsonaro me deu liberdade para construir Minas, tanto no Senado quanto no governo”

Nikolas Ferreira depois de visita ao ex-presidente na Papudinha. Ele assegura que recebeu aval para montar as chapas da direita no estado



Edi Alves/CB/DA Press

“Eu não ouvi o Bolsonaro falar isso. Você ouviu? (...) Quem vai decidir é o Jair Bolsonaro, não é o Nikolas Ferreira”

Deputado estadual Cristiano Caporezzo em entrevista ao Estado de Minas



Guilherme Dardanian/AL/MG

“Mateus (Simões), infelizmente, está sendo inexpressivo”

Deputado estadual Cristiano Caporezzo criticando o vice-governador e dando apoio a Cleitinho



Alexandre Netto/AL/MG

“Tá todo mundo querendo vencer a discussão. Mas o que precisamos é ganhar a eleição”

Senador Flávio Bolsonaro, pré-candidato à Presidência, sobre disputa verbal entre Nikolas, Michelle e Eduardo



Edi Alves/CB/DA Press

“Falar até papagaio fala”

Deputado estadual Cristiano Caporezzo mandando recado ao presidente estadual do PL, Domingos Sávio, de que a decisão sobre candidatura não cabe ao diretório estadual e que apenas Bolsonaro pode retirá-lo da disputa do Senado



Bruno Spada/Agência Câmara



SERGIO ABRANCHES

“A TRAGÉDIA DE JUIZ DE FORA, COMO MUITAS OUTRAS, PODERIA TER SIDO EVITADA. AS CIDADES BRASILEIRAS NÃO ESTÃO PREPARADAS SEQUER PARA SE PROTEGER”

Atraso e avanço

Duas notícias que ocuparam nossa atenção nos últimos dias dão uma ideia de como o Brasil se move desconjuntado rumo a incerto futuro. A condenação dos mandantes do assassinato de Marielle Franco foi um avanço no atraso na luta para acabar com a impunidade no país. Especialmente a enorme quantidade de feminicídios. O trágico desastre em Juiz de Fora mostra que as cidades brasileiras estão em uma armadilha urbana à mercê de eventos climáticos extremos. Um atraso que se projeta no tempo a indicar mais tragédias à frente.

O julgamento foi histórico e tardio. Condenou os irmãos Brazão, mandantes do assassinato de Marielle no atentado que vitimou também Anderson Gomes, a penas justas e proporcionais aos crimes cometidos. Um avanço no atraso. Não ter deixado impune esse brutal crime de feminicídio político é um avanço. Mas são muitos os

crimes impunes. A condenação dos mandantes é importante porque a Justiça não ficou restrita aos executores diretos. Pune-se também um dos braços no Estado do Rio de Janeiro da rede de poder e corrupção que lidera, acoberta e protege criminosos no Brasil.

Não faltou emoção no julgamento. A ministra Cármen Lúcia, em voto memorável, mostrou indignada emoção e tristeza. Eu entendo a ministra. É um dia de emoção para as mulheres e, em especial, para as mulheres negras. A violência e a impunidade dos crimes contra a mulher no Brasil estão fora dos limites civilizatórios. Imagino a emoção da família de Marielle Franco vendo a Justiça alcançar os mandantes e os principais envolvidos na trama assassina. O Tribunal do Júri já havia condenado os dois executores diretos, Ronnie Lessa e Elcio de Queiroz, em outubro do ano passado.

Mas, faltava quem mandou matar Marielle. Agora não falta mais. Quem mandou está condenado e preso.

O julgamento não alcançou toda a rede criminosa à qual este crime pertence. Há muitas marielles assassinadas no Brasil, cujos assassinos não foram alcançados pela lei e pela Justiça. Há uma rede criminosa que domina territórios, corrompe e mata, por trás de muitos crimes impunes, como a matança de jovens negros nas periferias. O controle de territórios por facções e milícias tem ramificações no poder público. Todos os condenados neste julgamento eram agentes públicos. Felizmente, no caso, a Justiça foi exemplar, ainda que tardia.

Cidades despreparadas

A tragédia de Juiz de Fora, como muitas outras, poderia ter sido evitada. As cidades brasileiras não estão preparadas sequer para se proteger de even-

tos recorrentes de mesmo grau de intensidade. E já passamos desse ponto. Estamos na fase de eventos novos e mais severos. Não basta se preparar para a mesma força dos eventos climáticos. Os eventos climáticos extremos aumentarão, e com maior gravidade. Não bastam investimentos para prevenção de desastres — modestos, diga-se. É preciso investir — e muito — em adaptação, isto é, na preparação para eventos cada vez mais extremos.

Não é opinião. É evidência copiosa gerada pela observação da mudança climática pela ciência. A gente fica sabendo pelos boletins do tempo que os temporais deste verão se devem ao fato de o Atlântico estar mais quente. Pois é: a ciência alertou que aconteceria. Os oceanos todos do mundo estão mais quentes, absorvem mais calor e evaporam maior quantidade de vapor d'água. O fenômeno novo, dos últimos três anos, é estarem

todos mais quentes ao mesmo tempo. Os desastres do socioclimáticos estão associados a anomalias causadas pela mudança climática. Não são eventos fortuitos. São esperados. Imprevisível é onde, quando e com que intensidade acontecerá o próximo. Mas é certo que ele virá.

Esses desastres não são climáticos. São socioclimáticos e têm um forte componente político. A indiferença política global negligencia a necessidade urgente de ações concretas de adaptação à mudança climática. Nenhuma surpresa. A política não agiu para mitigar o aquecimento global. O ambiente construído com vasta ocupação territorial inadequada e irregular está à mercê dos eventos extremos. Os que moram e trabalham nele estão em uma armadilha, serão inevitavelmente atingidos, perderão tudo e muitos morrerão.

A receita da adaptação é cara, porém é mais barata do

que conta dos desastres. O mais urgente é eliminar a ocupação das áreas de risco já definidas e mais as que se tornarão vulneráveis com o aumento inevitável dos eventos climáticos e de sua intensidade. Implica em construir habitações em lugar seguro e realocar parcela significativa da população. Recompôr matas ciliares e eliminar construções que estreitam o vão dos rios. Acabar com áreas impermeabilizadas para permitir melhor drenagem da água. Reestruturar a ocupação do território urbano e devolver áreas ao ambiente natural. É o básico.

Ninguém está fazendo o mínimo dever de casa no Brasil. Investimentos em prevenção são cortados. Romeu Zema reduziu em 96% as verbas para prevenção em Minas em três anos. Investir em adaptação, nem pensar. Quantos desastres serão precisos para cair a ficha? Sem renovação da elite política, a ficha não cairá.